



## NEGÓCIOS INICIATIVAS MERCADOS FINANCEIROS E ESTRATÉGIAS DE INVESTIMENTO

SUPERVISÃO

# Carlos Tavares defende avaliação à idoneidade dos gestores

O presidente da CMVM apontou o “efeito devastador” dos casos BES e PT no mercado. E defendeu a avaliação dos gestores: “Por melhores que sejam os modelos, não funcionam sem as pessoas adequadas”.

Os modelos de ‘corporate governance’ existem em Portugal, mas não são bem aplicados. Esta é a posição de Carlos Tavares, presidente da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), que aponta o dedo à actuação dos próprios gestores das empresas. O responsável máximo do regulador do mercado português lembra que o BES e a Portugal Telecom tinham boas classificações nos rankings de ‘corporate governance’, o que não impediu as recentes polémicas. Por melhores que sejam os modelos, defende, não funcionam sem as pessoas adequadas.

“[É necessário] que haja mode-

los de ‘corporate governance’ adequados e efectivos. Quando digo efectivos quero dizer que funcionem, porque modelos de ‘corporate governance’ adequados temos muitos”, apontou o presidente da CMVM na intervenção de abertura da conferência “Mercados Financeiros e Estratégias de Investimento”, para a apresentação do Jogo da Bolsa, organizado pelo Negócios e pela GoBulling, em parceria com a ISCTE Business School. Referindo-se aos recentes caso do BES e da PT, Carlos Tavares destacou que as duas empresas “eram classificadas nos rankings de ‘corporate governance’ nos lugares mais elevados, seja na avaliação da própria CMVM, seja na

avaliação da Associação de Emitentes, por exemplo”

Por isso, o responsável do regulador português afirma que o problema não está na teoria, mas sim na prática. “As regras formalmente estavam lá, formalmente eram cumpridas”, referiu Carlos Tavares, salientando que é preciso “encontrar meios para que o simples cumprimento formal das regras não seja suficiente”. A idoneidade dos gestores das empresas é, assim, um factor decisivo, defende, que tem de passar a ser analisado. Até porque, “os modelos podem ser perfeitos, mas não funcionam se as pessoas que os põem em prática não forem as adequadas”, afirma.

Mas outras medidas têm ainda que ser tomadas. “Deve ser proibido o financiamento, directo ou indirecto, a accionistas e o financiamento, directo ou indirecto, para a compra de acções próprias”, defende Carlos

Tavares. Esta é uma questão “essencial”, diz, apesar de saber que “na política, as propostas [deste género] não têm popularidade”. E atira: “Penso que é tempo de tirar as lições de tudo o que se passou”.

## Mercado português mais pequeno

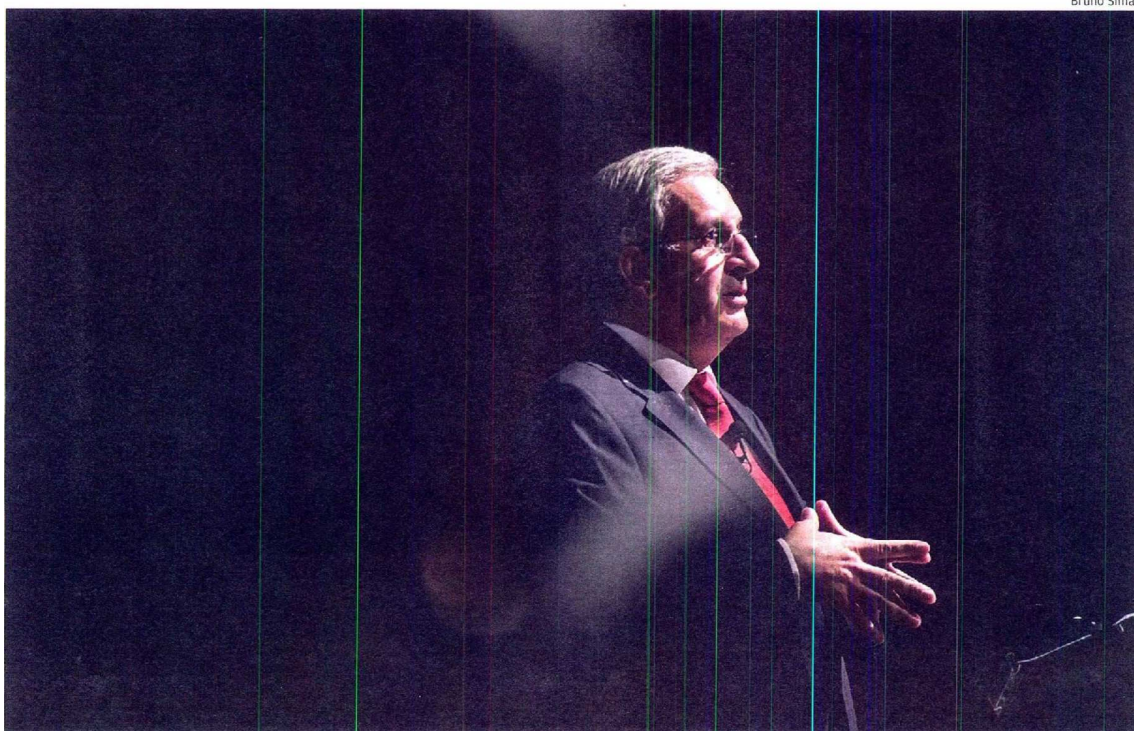
Se pela sua dimensão, o caso que envolveu o BES e a PT teve fortes repercussões ao nível dos accionistas, também no próprio mercado de capitais português a onda de choque se fez sentir. Carlos Tavares apontou, na sua intervenção, para “o efeito devastador do caso BES/PT na confiança dos investidores e na credibilidade do mercado” que, a par de outros factores, contribui para que “o mercado de capitais português seja cada vez mais pequeno”.

“Podemos perguntar porque é que isto aconteceu. Aconteceu porque as empresas não conseguiram

ser convencidas de que precisavam de ter um financiamento menos assente na dívida e mais assente no mercado”, afirmou o Presidente da CMVM, acrescentando que há também factores do lado dos investidores que contribuíram para esta situação. Carlos Tavares apontou para a “gama de investidores institucionais portugueses muito reduzida” como umas das causas, mas também para as operações de mercado que foram bloqueadas. Houve “OPA [ofertas públicas de aquisição] que não chegaram ao mercado, por força de restrições estatutárias ou da acção dos accionistas de controlo, incluindo nalguns casos o Estado”, disse Carlos Tavares, lamentando que, “em nenhuma delas, os accionistas puderam ter sequer oportunidade de dizer se aceitavam ou não a oferta pública que era lançada sobre as empresas”. ■

ANDRÉ TANQUE JESUS

Bruno Simão



“

“[É necessário] que haja modelos de ‘corporate governance’ adequados e efectivos. Quando digo efectivos quero dizer que funcionem, porque modelos de ‘corporate governance’ adequados temos muitos”.

CARLOS TAVARES  
Presidente da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários